

Morre de câncer
o performer
Sammy Davis Jr.

Ivan Lins a
partir de hoje
na boate Grog

PÁGINA 2

C A D E R N O

PÁGINA 3

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL QUINTA-FEIRA, 17 DE MAIO DE 1990

Papa essa Brasil

Festa dos Estados quer mais
que o festival gastronômico

CARMEM MORETZOHN

A nova gestão da Fundação Cultural e da Secretaria da Cultura começa a fazer mais do que arrumar a casa (que, é bom lembrar, estava um caos). E o início das atividades será marcado em alto estilo. As duas administrações irão construir o *Parque das Artes*, que vai injetar sangue novo à já tradicional *Festa dos Estados*. Marcado para os próximos dias 31, 1º, 2 e 3 de junho, o Parque vem aí com shows, bailes, leilão e exposições. Tudo dentro dos limites da Barraca de Brasília.

A idéia de abrir espaço para a participação dos artistas da cidade, através de coordenação da Fundação Cultural, surgiu de Regina Vallim, primeira-dama do Distrito Federal. Ela procurou a Secretaria da Cultura e propôs a realização de concertos ao ar livre e mostras de trabalhos dos artistas plásticos de Brasília. A Fundação foi além e já está quase tudo pronto para uma rotina movimentada no novo *Parque das Artes*.

O *Parque* ocupará uma área que fica em frente à Barraca de Brasília — entre a Rampa Acústica e o salão de vidro. São mais de seis mil metros quadrados de espaço para abrigar salão de festas, telão de cinema, restaurante-choparia, lanchonetes, palco (ringue de box), sala de exposições, enfermaria para primeiros socorros e banheiros públicos. Durante os quatro dias de Festa dos Estados, o *Parque* funcionará em tempo integral, com intensa programação cultural e esportiva.

Para ter acesso ao *Parque das Artes* e às suas atrações cujo ponto alto promete ser as edições do *Concerto Cabeças* o público terá que pagar um ingresso de apenas Cr\$ 50,00. Um bilhete que também dará direito a concorrer à rifa de um automóvel (o sorteio correrá pela Loteria Federal). Com a verba arrecadada pela venda dos ingressos, a Fundação Cultural espera conseguir levantar recursos para o pagamento dos artistas e repassar benefícios ao PAS — Programa de Ação So-

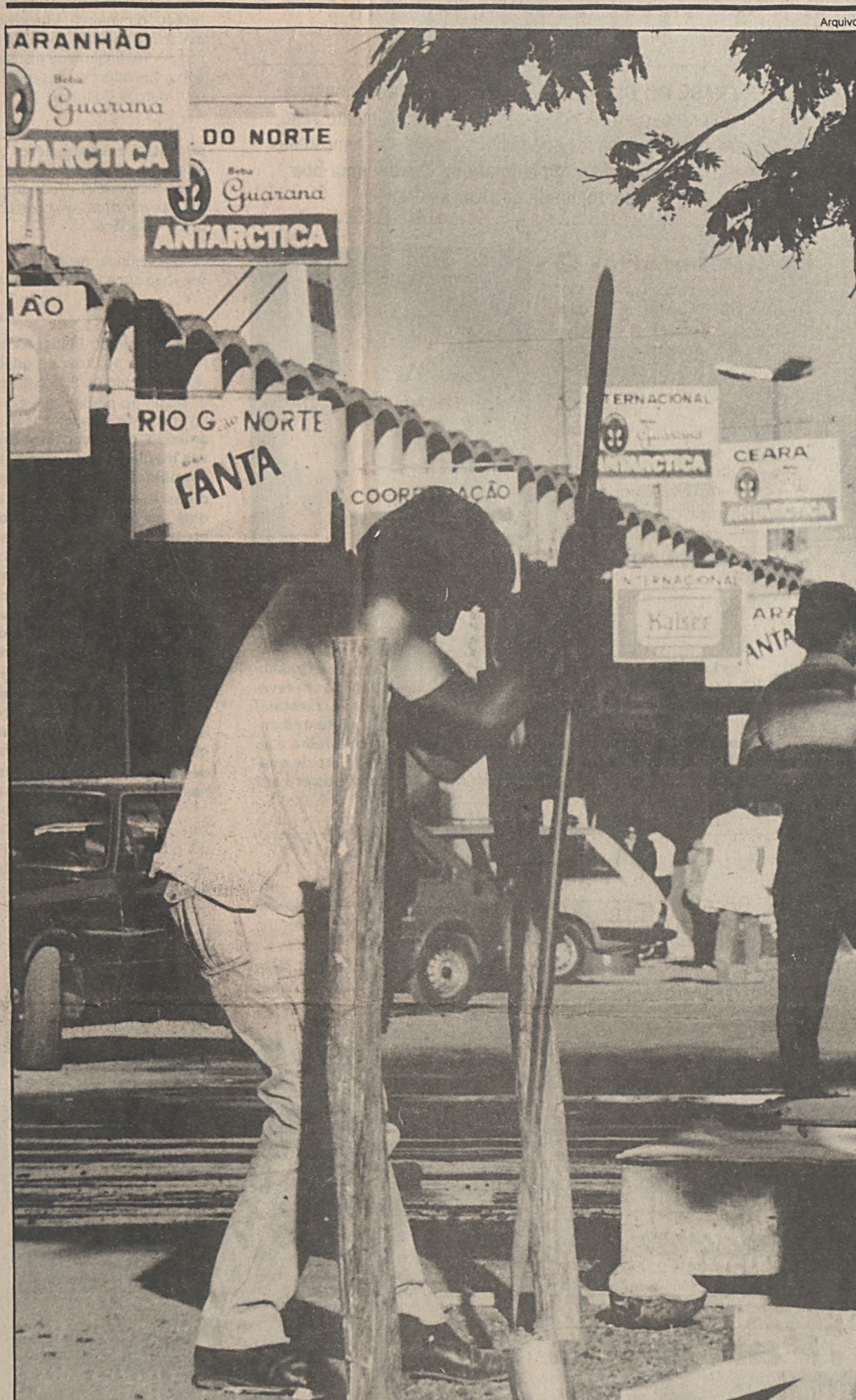
cial. Se for cumprida a expectativa dos assessores da Fundação, o número de bilhetes vendidos deverá chegar a 70.000.

A participação dos artistas da cidade na programação da Festa dos Estados não deveria ser uma novidade. Pelo menos teoricamente, no projeto inicial da Festa está a determinação de difundir a arte e a cultura de cada Estado. Em segundo plano, as comidas e artesanato típico. Só que, com o passar dos anos, esta proposta foi sendo desvirtuada e a Festa acabou virando um grande mercado. Agora, a idéia da Fundação Cultural é resgatar o projeto inicial, começando por Brasília, mas incentivando os outros estados a seguirem a mesma linha.

Originalmente, todos os recursos arrecadados pelas barracas são repassados à Casa do Candango. Somente a verba da barraca de Brasília tem outro destino, o PAS. Para tentar garantir o máximo de dinheiro para o Programa de Ação Social, a Fundação Cultural está entrando em contato com diversas empresas no sentido de tentar levantar patrocínio para cada evento programado no *Parque das Artes*. Cada patrocinador teria seu nome fixo numa placa, além de outdoors pregados nos tapumes. Só que, por enquanto, não há nada certo. Somente a participação do Detur, Defer e Banco de Brasília.

Também para garantir que não será desviado qualquer centavo que entrar, o BRB colocou à disposição do Parque os caixas de suas agências. Eles ficarão encarregados de cuidar das bilheterias e caixas registradoras das lanchonetes — já confirmada a presença de um stand da creperia *Chez Michou*. Ao final de cada dia, os próprios caixas deverão contar toda a receita e depositá-la numa agência do BRB que estará funcionando dentro da *Festa dos Estados*, durante todo o tempo de funcionamento das atividades. De tudo o que for arrecadado nas lanchonetes, 20% irão para a Barraca de Brasília.

Com a participação na programação da Festa dos Estados, a Fundação Cultural abre sua ação



TETÊ CATALÃO
Editor-assistente

A utopia mais secreta da cidade seria realizar a reunião dos brasis. A tarefa mágica ficou como estigma e o enigma das pirâmides, tantas neste folclore político e, às vezes, misticante. Brasília não realizará as colagens regionais por decreto. Nem por alguma "política cultural" de uma gestão administrativa pretensamente iluminada. Brasília já realiza este amálgama, no cotidiano. No pipiqueiro da esquina (e tem), no trabalhador assalariado e na sua vocação para desmentir cartão-postal. A Festa dos Estados tem potencial para organizar esta confluência da cidade colagem. A usina de um "carnaval" onde houvesse espaço para todas as linguagens, formas, sotaques, e cheiros multimídia, multi-raça, multiversidades sem a menor discriminação. Porém, ressaltada a meritória destinação da verba para a Casa do Candango, o famoso espírito comercial prevaleceu e quase asfixia as demais expressões. Sobrepõem-se a cultura gastronômica. Prevalece a boca do lobo. E a do lobby também, ao considerarmos este famigerado número de candidatos a candidatas que torna Brasília uma alavanca para "o sucesso". Vivemos, hoje, o maior índice de postulante por metro quadrado. Co-

para além da captação de recursos, atividade na qual tem centrado fogo nos últimos dias. "A tarefa de reformulação administrativa é enorme, mas não se pode deixar de desenvolver, paralelamente, projetos ligados à comunidade", diz o assessor Néio Lúcio. Ele é o encarregado de colocar o *Parque das Artes* para funcionar. Ninguém melhor que ele entende do assunto.

Segundo adianta Néio Lúcio, o *Parque das Artes* vai reunir várias das pessoas que atuam na área artística da cidade. Ele diz: "É uma forma de colaborar nesta festa comunitária e atuar como uma política cultural no sentido de resgatar a prioridade de difu-

mo o cloro nas OIs. A Festa dos Estados tem seu lado pueril de uma quermesse disc-laser onde flores de plástico e o "industrializado" também oferecem ótimos momentos para encontros. Gente que só se vê na Festa dos Estados, mesmo com o gigantismo da cidade em acelerado descamisamento e a classe média indo para Valparaíso. A questão é retomar o princípio de impacto cultural (além do rango), manter a rentabilidade pela causa justa e marcar a característica da cidade capital dos brasis. A cidade que voltou para o interior, sertaneja acrílica, as contradições de um país em conflito permanente entre desenvolvimento urbano e indústria rural com estilhaços para todas as perplexidades e indignações que nos assolam.

O *Cabeças* tem uma tradição miscigenadora do pop ao seresteiro. Pode ser um começo. Como não deveria haver o "pedir licença" para fazer arte. Principalmente licença ao Estado. Era assumir o espetáculo vivo da população fazendo a Festa sob Estados sem divisas nem bandeiras. Como clama a boa vizinhança e reclama a santa fraternidade.

Por enquanto a Festa lembra um pouco aqueles macacões de piloto de Fórmula 1: só dá merchandising. Ou isso é o atual estado? A Festa é Nossa.

são cultural e artística".

Durante os quatro dias de Festa, o *Parque das Artes* estará apresentando shows — dentro da volta do *Concerto Cabeças* — bailes animados pela Orquestra Popular de Brasília, exibição de curtas-metragens conseguidos junto às Embaixadas (principalmente desenhos animados e comédias), salão para exposição de artes plásticas, lançamento de discos e noites de autógrafos de livros, a cargo da Livraria Presença. Ainda acontecerá um leilão de obras de artistas já consagrados na cidade, além da participação dos membros da APOP — Associação dos Profissionais Quadrinistas e Cartunistas do Planalto

— fazendo caricaturas do público.

Na Rampa Acústica, o retorno do *Concerto Cabeças* promete mexer com toda a cidade, reunindo alguns dos nomes mais expressivos da música de Brasília. A abertura será feita pela Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, sob a regência do maestro Sílvio Barbato.

As atividades artístico-culturais estão marcadas para começar em todo final de tarde dos dias de Festa dos Estados. Durante o dia, as atrações ficam por conta do Defer. O órgão promete realizar apresentações de karatê, judô, capoeira, aulas de ginásticas e até gincana aberta ao público.

Concerto Cabeças

Dia 31/05

17h30 Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro
19h00 Brasília Popular Orquestra
20h30 Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro
21h15 Brasília Popular Orquestra

Dia 01/06

19h00 Toni Botelho e Elenice Maranesi Lançamento Disco
Brasília 30 Anos
19h35 Brasília Popular Orquestra
20h45 Gleno Rossi (a confirmar)
21h20 Brasília Popular Orquestra
22h20 Adriano Faquini
22h45 Brasília Popular Orquestra

Dia 02/06

19h00 Aria Tribu
19h35 Leilão
20h45 Invoquei o Vocal
21h20 Brasília Popular Orquestra
22h20 Renato Mattos
22h55 Brasília Popular Orquestra BRAPO (Pista de Baile)

Dia 03/06

19h00 Dois ao Absurdo
19h35 Brasília Popular Orquestra
20h45 Mel da Terra
21h20 Brasília Popular Orquestra BRAPO (Pista de Baile)
22h20 Naípe
22h55 Brasília Popular Orquestra BRAPO (Pista de Baile)

A memória da arte na rua

O Parque das Artes pode também ser mercado pela realização de um dos lançamentos mais esperados da década passada: o livro *Cabeças*, que conta e retrata as edições do concerto durante seus primeiros sete anos de existência. O livro já está pronto para ser editado e o prazo depende apenas de uma resposta da gráfica. Néio Lúcio cruza os dedos e torce para que tudo esteja em cima a tempo.

O livro *Cabeças* retrata uma época que vai de 1978 a 1985. Escrito por Néio Lúcio e Kido Guerra, a obra apresenta toda a história dos concertos, com fotografias e depoimentos. São mais de 120 páginas — diagramadas por Resa — pelas quais desfilam palavras de pessoas atuantes na área cultural de Brasília.

A obra editada pelo Cabeças Centro Brasiliense de Arte e Cultura promete mexer com a memória de muita gente. Lembrar dos concertos realizados nas superquadras, com a presença de artistas que já deixaram a cidade, até chegar aos grandes shows da Rampa Acústica, para os quais acorriam mais de três mil pessoas. Uma remexida no passado vibrante e recente de Brasília.



Néio Lúcio: dedos cruzados